



CANSANÇÃO EM FLOR: UMA EXPOSIÇÃO DE SABERES E VISUALIDADES QUE INTERCONECTA TERRITÓRIOS, IDENTIDADE, ECOLOGIA E NATUREZA

CANSANÇÃO EM FLOR: AN EXHIBITION OF KNOWLEDGE AND VISUALITIES THAT INTERCONNECTS TERRITORIES, IDENTITY, ECOLOGY AND NATURE

Williana da Silva Maciel¹

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP

Priscila Leonel²

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP

RESUMO

O presente trabalho objetiva-se explorar e investigar poéticas de artistas do cariri cearense por meio da exposição coletiva "Cansanção em Flor" que aconteceu no Museu de Arte Contemporânea- MAC/Ceará em 2024. A exposição fez ajuntamentos de obras que fazem referência a biodiversidade de plantas, saberes e narrativas possíveis que atravessam o território da Chapada do Araripe e da memória que existe nesse lugar. O nome "Cansanção em Flor" é uma alusão a planta cansanção presente na caatinga do Nordeste brasileiro, conhecida também como planta que queima, ela reúne em seu nome uma diversidade formosa de saberes que une as cinco artistas presentes na exposição como a Dinha Fonsêca, Eliana Amorim, Williana Silva, Andréa Sobolive e Maria Macêdo.

PALAVRAS-CHAVE

Exposição Coletiva. Cansanção em Flor. Processos de criação. Chapada do Araripe. Artes Visuais.

ABSTRACT

The present work aims to explore and investigate poetics of artists from Cariri Ceará through the collective exhibition "Cansanção em Flor" which took place at the Museum of Contemporary Art - MAC/Ceará in 2024. The exhibition brought together works that make reference the biodiversity of plants, knowledge and possible narratives that cross the territory

¹ Doutoranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", (UNESP), Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia, (UFBA), Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri, (URCA). E-mail: williaanasilva@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6739-9342> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7166212465031060>, Juazeiro do Norte (CE), Brasil.

² Docente de graduação e pós-graduação em Artes Visuais da UNESP. Artista Visual, pós-doutora pela ECA-USP, com pesquisa na área de Ancestralidades, Memórias e Decolonialidade ligadas a Processos Artísticos Cerâmicos e a Arte Educação. Líder do grupo de pesquisa Egungun/IA/UNESP. E-mail: priscila.leonel@unesp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8563-443X> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5408235474739184>, Bauru (SP), Brasil.



of Chapada do Araripe and the memory that exists in that place. The name "Cansanção em Flor" is an allusion to the cansanção plant present in the caatinga of Northeast Brazil, also known as the plant that burns, it brings together in its name a beautiful diversity of knowledge that unites the five artists present in the exhibition, such as Dinha Fonsêca, Eliana Amorim, Williana Silva, Andréa Sobolive and Maria Macêdo.

KEYWORDS

Collective Exhibition. Tiredness in Bloom. Creation processes. Chapada do Araripe. Visual arts.

Polinizações em flor: uma exposição que conecta imagens, território e identidade

A exposição coletiva "Cansanção em Flor" fertiliza por meio de imagens a Chapada do Araripe e os saberes costurados nesse território. Com curadoria de Maria Macêdo e Eliana Amorim, o projeto ganha vida nas paredes e no espaço do Museu de Arte Contemporânea (MAC) no Dragão do Mar, em Fortaleza- Ceará. A exposição destaca como artistas locais reimaginam identidade, território e conexões com a natureza através das obras apresentadas.

Cansanção, também cientificamente conhecida como *Cnidocolus urens* é uma planta nativa da caatinga bioma predominante na região do Nordeste brasileiro. A planta cansanção tem uma presença significativa na cultura, na ecologia, nas tradições e nos conhecimentos medicinais sobre as plantas. Como afirma Sá Filho et al. (2021, p. 11), "O uso de plantas medicinais está ligado a manifestações culturais e é uma forma de apresentar a importância que estas espécies têm em relação aos costumes de um povo". Os conhecimentos oriundos das populações tradicionais são tapeçarias que reivindicam atualmente mudanças globais em relação à natureza.

Os conceitos de territórios são importantes para entendermos como as práticas artísticas presentes na exposição refletem e transformam o espaço vivido da Chapada do Araripe. O território é um espaço usado, impregnado de significados sociais, culturais e históricos, assim como fala Milton Santos "a utilização do território pelo povo cria o espaço" (Santos, 1978, p. 189). São nesses territórios que



os espaços de poder e identidade são construídos, como afirmado por Castro (1998, p. 5) “O território é o espaço sobre o qual um certo grupo garante aos seus membros direitos estáveis de acesso, de uso e de controle sobre os recursos e sua disponibilidade no tempo”.

É a partir desses territórios, enraizados em narrativas sociais e históricas, que as identidades e a planta cansanção emergem como estratégias poderosas. As identidades que atravessam e compõem o território estão presentes nas obras das artistas e em seus corpos. “A utilização do conceito de identidade nos permite desvelar os indivíduos, grupos ou coletividades, localizá-los no tempo e no espaço, “identificando-os” como estes e não outros, mesmo em metamorfose.” (Maheirie, 2002, p.41). Nesse contexto, identidade não é apenas um marcador estático, mas um processo dinâmico que se entrelaça com o território.

As obras expostas na exposição “Cansanção em Flor” são testemunhos visuais dessa interconexão, mostrando como as artistas utilizam elementos do território para expressar suas próprias identidades e as histórias coletivas da região. Essa interligação entre identidade e território é um ato de resistência e afirmação, especialmente quando considerada uma exposição composta só por mulheres artistas interioranas.

Capaz de prosperar em solos áridos, a cansanção não apenas compõe uma biodiversidade rica, “sendo o cansanção uma planta utilizada por uma parte considerável de populações nativas do Nordeste e que vivem na Caatinga” (Carneiro, 2023, p. 12238). Com flores e rosas essenciais para a polinização e o desenvolvimento dos frutos, a planta está conectada diretamente com os saberes e as práticas culturais dos povos desta região.

“Cansanção em flor” é uma potência visual oriunda da força da planta, que carrega consigo produções estéticas de artistas que bebem do território da Chapada do Araripe e do solo e saberes plantados no Cariri. Segundo Maria Macêdo (2024) uma das reflexões curatoriais é “olhar para as outras formas de pensar e produzir arte para além das questões da urbes, onde vida e natureza se fundem e criam novas



formas de existir a partir das técnicas, conceitos, processos e procedimentos artísticos evocados”. A abertura da exposição ocorreu no dia 9 de março de 2024, às 16h, o projeto que deu origem à exposição foi contemplado dentro da convocatória do Cena Ocupa do MAC-CE, equipamento público da Secretaria de Cultura do Ceará, gerido pelo Instituto Dragão do Mar. A exposição contou com a participação de cinco artistas mulheres da região do Cariri: Dinha Fonsêca, Eliana Amorim, Williana Silva, Andréa Sobolive e Maria Macêdo. A produção e montagem ficaram a cargo de Rawan Carvalho e a expografia de Edileuza Amorim. Com obras em diversos formatos e linguagens, a exposição possui obras em instalação, pintura, desenho, gravura, fotografia, videoperformance e impressões botânicas.



Imagem 1- Flyer da Exposição Cansanção em Flor. Fonte: Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC), 2024.

As obras apesar de serem em linguagens diferentes todas elas abordam questões que envolvem saberes e conhecimentos naturais e seus atravessamentos com a memória, com a ecologia, com ancestralidade, com o poder das plantas e ervas, da



água, da cura e do benzimento. Esses conhecimentos são mantidos e cultivados boa parte das vezes por mulheres, mestres e mestras, avós, rezadeiras, parteiras e assim como afirma Maria Macêdo em entrevista a João Tréz (2024, p.1) “secularmente são mães que alimentam e geram poderes curativos para aqueles e aquelas que conhecem o segredo da terra e a importância de saberem manipular a sabedoria da mata, oferecendo alimento e sustento por meio do comércio”. Deslocar os saberes da mata para dentro do espaço da galeria é o que as artistas fizeram na exposição “Cansação em Flor”. Diante disso, se faz necessário apresentar ao longo do texto as artistas em questão e as obras que compuseram esse projeto.

Ecologia de saberes e fertilizações visuais

A exposição "Cansação em Flor" não é apenas uma mostra que reúne várias artistas, ela é uma manifestação concreta da intersecção entre a ecologia de saberes e fertilizações visuais, palavras essenciais que ampliam nossa compreensão sobre a relação entre comunidades e seus territórios. Uma das abordagens territoriais da ecologia envolve uma transformação profunda entre seres humanos e natureza, de forma que a relação seja baseada em pensarmos um mundo mais sustentável e equilibrado.

Isso implica que os seres humanos se vejam pertencentes à teia da natureza. Este conceito está presente na forma como as artistas da exposição abordam a sustentabilidade e a ecologia. Como Edna Castro (1998, p. 6) argumenta, “a adaptação a um meio ecológico de alta complexidade realiza-se graças aos saberes acumulados sobre o território e às diferentes formas pelas quais o trabalho é realizado.” Essas práticas complexas e diversificadas são essenciais para a criação artística e cultural, mas também para a sustentabilidade ecológica da Chapada do Araripe.

Neste contexto, o conceito de biorregionalismo destaca-se, colocando a experiência humana no centro de uma matriz de natureza local e regional. Segundo Jatobá et al. (2009, p. 54), “o biorregionalismo dá destaque às potencialidades endógenas e às



culturas locais, reconhece o território das populações tradicionais e o direito à diversidade cultural.” Isso implica reconhecer e valorizar os conhecimentos e práticas das comunidades tradicionais, que se adaptam a um meio ecológico complexo através de saberes acumulados e diversas formas de manejo sustentável, como Castro (1998, p. 6) aponta: “A adaptação a um meio ecológico de alta complexidade realiza-se graças aos saberes acumulados sobre o território e às diferentes formas pelas quais o trabalho é realizado.”

Assim como o biorregionalismo destaca a adaptação das comunidades tradicionais a um meio ecológico complexo, a artista Dinha Fonsêca (1993), nascida em Açu (RN) e residente no Crato (CE), exemplifica isso de maneira poética através de sua obra “QUE O BREVE TAMBÉM PERMANEÇA”. Esta instalação, criada em 2023, consiste em impressões botânicas em tecido de algodão cru, onde Dinha utiliza flores e folhas que carregam em sua essência uma história de tempo e memória.



Imagem 2- QUE O BREVE TAMBÉM PERMANEÇA. Instalação, 2023. Fonte: Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC).

Ao fazer as impressões das folhas e flores nos tecidos, ela cristaliza a morfologia desses seres vivos, e percebe com isso a efemeridade cíclica do movimento da



natureza. O processo criativo de colheita, seleção e composição das plantas é de uma riqueza profunda no trabalho de Dinha Fonsêca, pois ela organiza em cores, texturas, linhas e cheiros, memórias singulares de cada planta e flor.

A impressão botânica – ou “ecoprint” – é uma técnica de extração das formas, cores e texturas de flores, folhas, caules, cascas, raízes, sementes e ervas para suportes como papel e tecido. Pensando na parte têxtil, a técnica possibilita a criação de estampas diferenciadas nos tecidos sem que o processo polua o meio ambiente por não conter tinturas químicas, além dos resíduos gerados serem apenas folhas e pequenas quantidades de mordentes – podendo ser químicos ou não, artesanais ou não, ou substâncias que estão no nosso dia a dia, como vinagre, limão e cal. (Seeger, 2018, p. 57).

A artista nos convida a pensar sobre a efemeridade do corpo, a criação de momentos eternos e a constante transformação cíclica da flora caririense e nordestina. Os diversos tecidos estampados carregam consigo uma multiplicidade única, ao mesmo tempo que aquela espécie de planta é encontrada e fertilizada em vários lugares, ela também se torna única, pois cada solo, cada cultivo, cada colheita e cada impressão carrega consigo uma memória própria. Além da instalação de Dinha Fonsêca, que explora a efemeridade das plantas através da técnica de ecoprint, a exposição apresenta também a série de linoleogravuras “Série Flora Cariri” (2021) da artista Andréa Sobolive (1992) nascida em Guarulhos(SP) e residente no Distrito de Arajara em Barbalha (CE).



Imagem 3- Série Flora Cariri, linoleogravura s/ algodão cru, terra e óleo de pequi, 2021. Fonte: Williana Silva.



A obra em linoleogravura s/ papel, terra e óleo de pequi faz uso da representação das plantas da flora do cariri, nela a artista cria uma série de sete gravuras inspiradas no *Orbignya phalerata* o Babaçu, do *Anacardium Occidentale* o Cajueiro e do *Caryocar brasilienses* o Pequiizeiro, plantas essas que possuem frutos consumidos e comercializados em feiras e mercados, geralmente são plantadas e cultivadas por comunidades e famílias que vivem na zona rural da região.

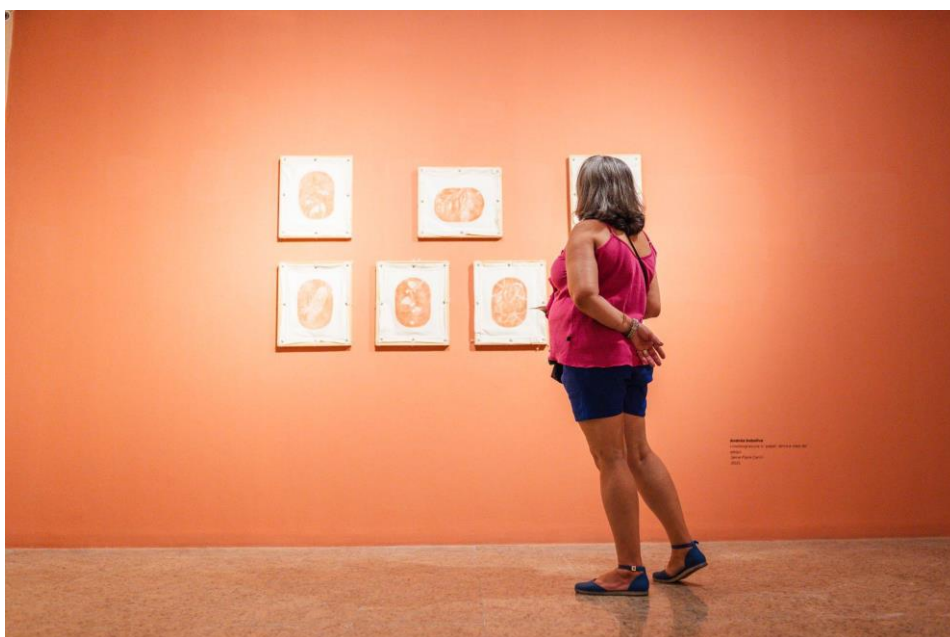


Imagem 4- Série Flora Cariri, linoleogravura s/ algodão cru, terra e óleo de pequi, 2021. Fonte: Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC).

A cadeia produtiva dessas plantas estimula e enriquece a economia produtiva da região, possibilitando a comercialização de diversos produtos oriundos do extrativismo dessas plantas. Segundo o Jornal OKariri (2012, p. 1) no sul do estado do Ceará "São mais de 1000 famílias que sobrevivem atualmente com a extração desses produtos". Andréa Sobolive é uma artista que possui um trabalho sensível na captura dos detalhes morfológicos das plantas e com suas gravuras conseguem imprimir no mundo várias discussões sobre cultivo, sociabilidade produtiva, economia e arte botânica. A artista Williana Silva (1997) é de Juazeiro do Norte (CE) e está participando da exposição com a obra "Cura ou práticas que minha vó



me ensinou” (2021), instalação que reúne plantas, terra, bacias de barro, água, chás e uma experiência de obra interativa.



Imagem 5- Cura ou práticas que minha vó me ensinou, instalação, 2021. Fonte: Wes Viana

A instalação reflete sobre processos de cura e autocuidado através da vivência do esalda pés, prática de imersão em bacias de água morna com elementos naturais como plantas, folhas, raízes e óleos. A obra faz referência a rituais e vivências cotidianas que a artista aprendeu com sua avó, assim, cria-se uma varal de ervas suspensas como forma de energizar os corpos que passarem por ali. As ervas dispostas nos varais são ervas sagradas que são utilizadas para afastar mau-olhado, quebranto e atrair boas vibrações. A obra é um convite ao espectador-fruidor a pisar na terra, sentar nas cadeiras e colocar os pés dentro da água. Além disso, as obras de Williana Silva oferecem uma perspectiva interativa sobre práticas de cura ancestral, expandindo nossa compreensão sobre as relações entre corpo, natureza e espiritualidade. No mesmo movimento de ritual e cerimônia a artista Maria Macêdo



(1996) natural de Quitaiús/Lavras da Mangabeira (CE), vive em Crato (CE), exibe a videoperformance “Procissão para os corpos que não morreram” (2023) e juntamente com isso há registros fotográficos da ação e uma instalação com os objetos presentes na performance. A obra discute sobre as procissões de desejos gestados, memória, migração, natureza e urbanização no contexto brasileiro.



Imagem 6- Procissão para os corpos que não morreram, videoperformance/instalação, 2023. Fonte: Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC).

Através desta performance, Maria Macêdo propõe um “caminho de volta” simbólico, uma reconexão com a natureza e com as memórias ancestrais que foram deixadas para trás. Ela aborda experiências de nordestinos que migraram do nordeste para o sudeste, deixando para trás sua relação com a terra. Maria questiona a ideia de uma “vida melhor” que se tem nas grandes cidades, sugerindo que o contato com a zona rural, a terra e a natureza não é algo atrasado, mas essencial.

Pensando nas questões complexas que atravessam o ser humano e suas experiências de corpo no mundo, podemos dizer que “Por meio destas questões, podemos dizer que o sujeito, ou a identidade, são construídas por oposições, conflitos e negociações, sendo constantemente inventada por estes sujeitos, em um



processo aberto, nunca acabado.” (Maheirie, 2002, p.39). A obra convida o espectador a refletir sobre as consequências da urbanização desenfreada e a buscar uma harmonia renovada com a natureza e com as raízes culturais. A videoperformance propõe uma reconexão, uma ação, uma oração para os corpos que estão vivos, porém invisíveis. Maria traz o elemento da terra, da água, das plantas, dos grãos e fala poeticamente acima de tudo sobre o pisar no solo e refazer o “caminho de volta em devoção com a terra.”

A artista Eliana Amorim (1996) é natural de Exu no Pernambuco (PE) e vive em Juazeiro do Norte (CE). A sua obra “Laboratório de pesquisa e criação: Cozinha.” (2024) é uma instalação que reúne uma estante de tinturas de ervas e lambedores, pote de barro, fogão artesanal e panela. A artista explora o universo íntimo das cozinhas das zonas rurais e dos interiores do nordeste. A instalação e sua poética exploram a cozinha como local de criação, experimentação e aprendizado de saberes tradicionais em relação a medicina popular e a culinária.



Imagem 7-Laboratório de pesquisa e criação: Cozinha, Instalação, 2023. Fonte: Williana Silva.



A cozinha é mais do que um espaço da casa, é um lugar de conexão, cuidado, cura, conhecimentos sobre os poderes das ervas, da terra e da natureza. A artista destaca que esse ambiente doméstico é ocupado majoritariamente por mulheres que exercem seu conhecimento ao preparar alimentos e remédios, saberes esses apreendidos com outras mulheres. Alguns dos ingredientes que estão dentro dos potes de vidro compondo esse grande laboratório da cozinha são a Jurema Preta, Barbatimão, Aroeira, Quixaba, Ameixa, Caju e Hibisco roxo.

A instalação faz referência a um laboratório vivo, onde podemos explorar, aprender e nos conectar com os saberes ancestrais e as práticas culinárias e medicinais tradicionais. Eliana Amorim convida o público a reconhecer a importância dessas mulheres que são as verdadeiras guardiãs desses conhecimentos mágicos, místicos e preciosos.

A curadoria da exposição “Cansação em Flor” é essa grande cozinha de experimentação poética, ao reunir obras em diversas linguagens ela potencializa a essa conexão com a natureza e os múltiplos olhares e vivências que podemos ter com os saberes oriundos da mata e da terra. Por isso se faz tão importante pensarmos sobre uma Ecologia de Saberes, conceito proposto por Boaventura de Sousa Santos a partir dos anos 2000, nesta perspectiva Fernando Carneiro (2014, p.331) fala que “Como uma das propostas para romper com essa monocultura de um só saber está a Ecologia de Saberes, que valoriza os outros saberes produzidos pela luta dos oprimidos a esse modelo.”

Neste contexto, a exposição “Cansação em Flor” se apresenta como um espaço de resistência e celebração da diversidade cultural e epistemológica, onde os visitantes são convidados a explorar, aprender e se conectar com os saberes tradicionais, os ciclos naturais e as relações humanas com o ambiente ao nosso redor.

A exposição é uma referência direta a biodiversidade, a chapada, as plantas como modelo de existência possível, um grande ecossistema onde as mais diferentes espécies convivem e confluem. Plantas que são utilizadas na alimentação, no cuidado, nas espiritualidades, e que possuem segredos ancestrais de uso: uma posição contrária à



monocultura presente na estrutura social. Cansanção, nome dado a várias espécies de urtigas, também conhecidas como “planta das mil virtudes”, guarda em suas propriedades curativas e nutricionais os segredos para o seu uso. (Amorim e Macêdo, 2024, p.1)

As temáticas abordadas nas obras, que vão desde memória, identidades, territórios, migração, natureza e afetividades, até questões mais profundas de conexão espiritual e ancestralidade, são reflexos da complexidade e da diversidade das experiências humanas e ecológicas que se entrelaçam nesse ecossistema vibrante que é a arte, a cultura e a natureza.

A menção à “Cansanção”, ou “planta das mil virtudes”, como um símbolo da potência e da delicadeza da natureza, ressaltamos a importância do conhecimento e da produção de imagens e obras de arte de mulheres que são e habitam a região do cariri cearense com a sua densa Chapada do Araripe. Essa exposição se faz importante ao deslocar e descentralizar a ocupação do espaço do Museu de Arte Contemporânea- MAC (CE) por artistas oriundos de outras territorialidades do interior que não é a capital do estado. A planta cansanção é vista como uma guardiã dos segredos ancestrais que podem beneficiar a saúde e o bem-estar das comunidades, assim como essa exposição, que costura narrativas poéticas que traz consigo ecologias e plantações de imagens possíveis.

Em suma, a exposição “Cansanção em Flor” é uma celebração vibrante da diversidade, da vida, e da conexão entre todos os seres e elementos que compõem esta maravilhosa tapeçaria de existência no qual estamos todos inseridos. A curadoria, e expografia, a produção e as artistas convida a todos a se reconectar-se com as raízes, valorizar os saberes tradicionais e imaginar futuros que são sementes de colheitas sustentáveis.

Referências

AMORIM, Eliana. MACÊDO, Maria. Release da Exposição “CANSANÇÃO EM FLOR”, 2024, p. 1. **Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC)**, Fortaleza, Ceará, 2024.

CARNEIRO, Fernando. KREFTA, Noemi. FOLGADO, Cleber. A Praxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. ISSN 1982-8829 **Tempus, actas de saúde colet**, Brasília, 8(2), 331-338, jun, 2014.



CARNEIRO, I. B. DOS S. et al. Avaliação alelopática e citotóxica das raízes de *Cnidioscolus urens* (L.) Arthur por meio do bioensaio *Allium cepa* L. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMIA LATINOAMERICANA**, v. 21, n. 9, p. 12230–12240, 2023.

<https://doi.org/10.55905/oelv21n9-092> Acesso em: 15 de junho 2024

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. **Paper do NAEA**, n. 092, maio 1998. ISSN 1516-9111.

Extrativismo de pequi e coco babaçu ganha força no Cariri. **O Kariri**, 2012. Disponível em <https://www.okariri.com/plantao-ultimas-noticias/extrativismo-de-pequi-e-coco-babacu-ganha-forca-no-cariri/> Acesso em: 13 fevereiro 2024.

JATOBÁ, Sérgio Ulisses Silva; CIDADE, Lúcia Cony Faria; VARGAS, Glória Maria. Ecologismo, Ambientalismo e Ecologia Política: diferentes visões da sustentabilidade e do território. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 47-87, jan./abr. 2009.

MAHEIRIE, Katia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações* [en linea]. 2002, VII(13), 31-44[fecha de Consulta 18 de Junio de 2024]. ISSN: 1413-2907. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35401303> Acesso em: 15 de junho 2024.

SÁ FILHO, Geovan Figueirêdo de; SILVA, Antonia Isabelly Bezerra da. Plantas medicinais utilizadas na caatinga brasileira e o potencial terapêutico dos metabólitos secundários: uma revisão. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, e140101321096, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21096>. Acesso em: 13 fevereiro 2024.

SANTOS, Milton. **Por Uma Nova Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SEEGER, Natalia. **Redes, malhas e mãos: o processo artesanal da rede de pesca do mar ao ateliê**. Florianópolis, 2018. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

TRÉZ, João Gabriel. Em exposições, Museu de Arte Contemporânea destaca relações entre natureza, corpo e territórios. **Diário do Nordeste**. 01 de Abril de 2024. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/em-exposicoes-museu-de-arte-contemporanea-destaca-relacoes-entre-natureza-corpo-e-territorios-1.3491877> Acesso em: 9 fevereiro 2024.